

JENNIFER EGAN



A RUÍNA

TRADUÇÃO DE RENATO CARREIRA



CAPÍTULO UM

O castelo estava em ruínas mas, às 2 da manhã e com um luar pouco cooperante, Danny não conseguia aperceber-se disso. O que via parecia-lhe muito sólido: duas torres redondas com um arco entre elas e, a meio do arco, um portão de ferro que parecia não ser aberto há trezentos anos ou talvez nunca tivesse sido.

Nunca estivera num castelo muito menos naquela parte do mundo mas havia qualquer coisa que lhe era familiar. Parecia-lhe ter uma recordação muito remota do lugar, não tanto como se ali tivesse estado, mas como se tivesse sonhado ou lido sobre ele. As torres tinham ameias tal como as crianças desenham. O ar estava frio e com um ligeiro aroma a fumo, como se o Outono já tivesse chegado apesar de se estar a meio de Agosto e de as pessoas em Nova Iorque andarem com pouca roupa. As árvores deixavam cair as folhas — Danny sentia-as caindo-lhe sobre o cabelo e ouvia-as estalar sob as botas enquanto caminhava. Procurava uma campainha, uma aldraba, uma luz, qualquer coisa que desse entrada naquele sítio ou que, pelo menos, permitisse encontrar uma passagem para o interior. Começava a perder as esperanças.

Esperara duas horas numa soturna cidadezinha do vale por um autocarro para o castelo que nunca mais chegava, antes de olhar para cima e ver a sua silhueta negra desenhada contra o céu. A seguir começou a andar, arrastando a mala *Samsonite* e o telefone-satélite ao longo de uns três quilómetros pela colina acima e com as ridículas rodas da *Samsonite* a prenderem-se em pedras, raízes e tocas de coelho. O facto

de coxear também não ajudava. Toda a viagem tinha sido assim: uma maçada após outra, começando com o avião nocturno no Aeroporto Kennedy que acabou por ser rebocado para um campo após ameaça de bomba, sendo rodeado por camiões com luzes vermelhas piscantes e mangueiras gigantes que serviam de conforto apenas até se perceber que a sua função se limitava a assegurar que a bola de fogo apenas incinerava os pobres diabos que estavam a bordo. Fora por isso que Danny perdera o voo de ligação para Praga e o comboio para onde quer que estivesse agora, algum sítio com nome aparentemente alemão que não parecia situar-se na Alemanha. Ou em qualquer outro lugar — não fora capaz de encontrá-lo online apesar de se ter certificado de que a grafia estava correcta. Falando ao telefone com o seu primo Howie, o dono do castelo e quem tinha pago a viagem de Danny para ajudar nos trabalhos de renovação, tentou confirmar alguns pormenores.

Danny: Continuo a tentar perceber. O teu hotel fica na Áustria, na Alemanha ou na República Checa?

Howie: Para te ser sincero, nem eu tenho a certeza. As fronteiras estão sempre a mudar.

Danny (pensando): *Estão?*

Howie: Mas lembra-te de que ainda não é um hotel. Por enquanto é só um velho...

A ligação caiu. Quando Danny tentou voltar a ligar, não conseguiu.

Mas os bilhetes — de avião, comboio e autocarro — chegaram na semana seguinte (com carimbo postal ilegível) e, levando em conta que acabara de perder o emprego e que tinha de sair de Nova Iorque com urgência por causa de um mal-entendido no restaurante onde trabalhara, ser pago para ir para outro sítio — qualquer sítio, até mesmo a puta da Lua — não era algo a que Danny pudesse dizer não.

Chegava com quinze horas de atraso.

Deixou a *Samsonite* e o telefone-satélite junto ao portão e contornou a torre da esquerda (Danny fazia questão de ir para a esquerda sempre que tinha de escolher e só porque a maioria das pessoas ia para a direita). Uma muralha curva estendia-se da torre até às árvores e Danny seguiu-a até se embrenhar na floresta. Avançava às cegas. Ouviu esvoaçar e rastejar e, enquanto andava, as árvores aproximavam-se mais e mais da muralha até ser forçado a encolher-se para passar, receando perder-se se abandonasse o contacto com a parede. E foi então que aconteceu uma coisa agradável: as árvores entravam pela muralha dentro e a abertura permitia a Danny trepar até ao interior.

O que não era fácil. A muralha tinha seis metros de altura,

instável e a pique com troncos de árvore esmagados contra o meio e Danny tinha um joelho ferido devido ao mal-entendido no trabalho. Além disso, as suas botas não eram exactamente ideais para trepar — eram botas cidadinas, botas da moda, com biqueiras algures entre o quadrado e o pontiagudo — as suas botas da sorte ou, pelo menos, fora isso que pensara há muito tempo quando as comprara. Precisavam de solas novas. Eram escorregadias mesmo no pavimento de cimento liso da cidade e preferia que ninguém o visse a debater-se por seis metros de muralha arruinada acima. Mas acabou por conseguir finalmente, arfando e suando, arrastando a perna ferida e içando-se para um tipo de passadiço que se estendia ao longo do topo da muralha. Sacudiu as calças e pôs-se de pé.

Era uma daquelas vistas que, por um segundo, nos fazem sentir que somos Deus. As muralhas do castelo pareciam prateadas ao luar, erguendo-se para além da colina numa linha oval ondulante do tamanho de um campo de futebol. Havia torres redondas com intervalos que rondavam os cinquenta metros. Por baixo de Danny, no interior, tudo estava negro e puro, como um lago ou como o espaço. Sentiu a curva do céu sobre a sua cabeça, cheia de fragmentos de nuvens arroxeadas. O castelo propriamente dito ficava onde Danny estivera antes: um amontoado confuso de edifícios e torres. Mas a torre mais alta estava isolada, estreita e quadrada com uma luz vermelha brilhando numa janela junto ao topo.

Olhar para baixo acalmou qualquer coisa em Danny. Quando chegou a Nova Iorque, ele e os seus amigos tentaram encontrar um nome para o tipo de relacionamento a que aspiravam entre si e o universo. Mas a língua inglesa não provou ser suficientemente rica: *perspectiva*, *visão*, *conhecimento*, *sabedoria* — eram todas palavras ou demasiado pesadas ou demasiado leves. Então decidiram inventar um nome: *halto*. O verdadeiro halto funcionava de modo bidireccional: via-se mas também se era visto, conhecia-se mas também se era conhecido. Reconhecimento bidireccional. No alto da muralha do castelo, Danny sentiu halto — a palavra continuava com ele após tantos anos, mesmo que os amigos tivessem partido há muito. Era provável que tivessem crescido.

Desejou ter trazido o seu telefone-satélite até ali. Apetecia-lhe fazer chamadas — uma necessidade primária, como um impulso para rir, espirrar ou comer. Tornou-se tão irresistível que desceu pela muralha abaixo e regressou por entre as mesmas árvores opressoras, com as unhas algo compridas sujas com terra e musgo. Mas, quando chegou ao portão, o seu halto tinha desaparecido e a única coisa que sentia era

cansaço. Deixou o telefone-satélite na caixa e encontrou um local plano por baixo de uma árvore para se deitar. Amontoou algumas folhas. Tinha dormido algumas vezes ao relento quando as coisas lhe corriam mal em Nova Iorque mas nada que se assemelhasse àquilo. Tirou o casaco de veludo, virou-o do avesso e enrolou-o para usar como almofada. Deitou-se de costas por cima das folhas e cruzou os braços sobre o peito. As folhas continuavam a cair. Danny observou-as a rodopiar, girando contra os ramos seminus e as nuvens arroxeadas, sentindo que os olhos começavam a fechar-se. Tentava lembrar-se de coisas que pudesse dizer a Howie —

Como: *Então pá, o teu tapete de boas-vindas precisa de uns retoques.*

Ou então: *Pagas-me a mim para aqui estar mas calculo que não vás pagar aos hóspedes.*

Ou talvez: *Confia em mim, a iluminação exterior vai mudar a tua vida.*

— só para ter alguma coisa que pudesse usar para quebrar o silêncio. Sentia-se nervoso por ver o primo depois de tanto tempo. Era impossível imaginar o Howie que conhecera em criança como adulto — tinha um corpo gordo e pouco masculino em forma de pêra, como é comum ver-se em alguns rapazes, com grandes pregas de gordura nos lados do estômago escorrendo-lhe para fora da parte de trás das calças de ganga. Pele pálida suada e um monte de cabelo escuro à volta da cara. Aos sete ou oito anos, Danny e Howie inventaram um jogo que jogavam sempre que se viam em férias e piqueniques familiares. Chamava-se Zeus Terminal e havia um herói (Zeus) e monstros e missões e pistas de aterragem e transporte aéreo e vilões e bolas de fogo e perseguições em alta velocidade. Podiam jogar em qualquer sítio, usando o que encontrassem: palhinhas, penas, pratos de papel, papéis de rebuçado, cordel, selos, velas, agrafes, o que fosse. Era Howie que pensava em quase todos os pormenores. Fechava os olhos como se estivesse a ver um filme projectado no interior das pálpebras, um filme que queria partilhar com Danny: Está bem, Zeus dispara Balas-Luminosas para o inimigo que lhe fazem a pele iluminar-se e permitem vê-los entre as árvores e depois — *bang!* — prende-os com Cordas-Eléctricas Atordoantes!

Às vezes, punha Danny a falar — Então diz lá tu: como é a masmorra de tortura submarina? — e Danny começava a inventar coisas: rochas, algas, cestos de olhos humanos. Deixava-se absorver de tal forma pelo jogo que se esquecia de quem era e, quando os pais diziam que estava na Altura de ir embora, o choque de ser puxado para longe fazia-o atirar-se para o chão à sua frente, implorando por mais meia

hora, *por favor!* mais vinte minutos, dez, cinco, *por favor*, só mais um minuto, *porfavorporfavorporfavor?* Com uma ânsia frenética para não ser arrastado para fora do mundo que inventara com Howie.

Os outros primos achavam Howie esquisito, um parvo, além disso era adotado, e mantinham a distância: sobretudo o Rafe, não o primo mais velho mas aquele a quem todos davam ouvidos. É muito simpático brincar com o Howie, costumava dizer a mãe de Danny. Pelo que sei, não tem muitos amigos. Mas Danny não tentava ser simpático. Importava-se com a opinião dos outros primos mas nada conseguia equiparar-se ao divertimento de Zeus Terminal.

Quando eram adolescentes, Howie mudou — *da noite para o dia* fora o que todos disseram. Teve uma *experiência traumática* e a sua doçura desapareceu, tornando-se melancólico, ansioso, sempre a abanar um pé e murmurando letras dos *King Crimson*. Tinha sempre um caderno consigo, mesmo no Dia de Acção de Graças lá estava ele no seu colo tapado com um guardanapo para protecção contra os pingos de molho. Howie rabiscava naquele caderno com um lápis achatado e suado, olhando em redor para os vários elementos da família como se tentasse decidir quando e como teriam de morrer. Mas nunca ninguém lhe prestara grande atenção. E, após a mudança, depois do *incidente traumático*, Danny fingiu também não o fazer.

Claro que falavam sobre Howie quando ele não estava presente, claro que sim. Os problemas de Howie eram um dos tópicos predilectos de conversa familiar e, por trás das cabeças oscilantes e repetições de *é uma pena* era possível sentir a alegria latente porque *é* ou não verdade que qualquer família gosta de ter um membro fodido de forma tão fantástica que todos os outros se sentem cidadãos exemplares ao pé dele? Se Danny fechasse os olhos e apurasse o ouvido, conseguia ainda captar alguns desses comentários passados como uma estação de rádio a perder a sintonia: *Howie problema drogas ouviste que foi preso um rapaz tão feio lamento mas não posso May obriga-o a fazer dieta é um adolescente é mais que isso eu tenho adolescentes tu tens adolescentes culpa o Norm por insistir na adopção nunca se sabe o que pode calhar tudo se resume aos genes é isso que se está a descobrir há pessoas que são simplesmente más ou talvez não más mas sabem não exactamente más mas é isso: perigosas.*

Danny costumava sentir algo estranho quando ouvia por acaso este tipo de coisa ao chegar a casa para encontrar a mãe a conversar sobre o Howie, ao telefone com uma das tias. Com as chuteiras sujas de terra depois de ganhar um jogo, a namorada Shannon Shank, que tinha as melhores mamas da claque e talvez da escola inteira, preparada para lhe

fazer uma mamada no quarto dele, porque fazia sempre isso quando ganhava e, graças a Deus, ganhava muitas vezes. *Olá mãe.* Aquele quadrado de azul violeta quase noturno através da janela da cozinha. Merda, doía-lhe quando pensava naquelas coisas, o cheiro da caçarola de atum da sua mãe. Gostava de ouvir falar do Howie porque lhe lembrava quem *ele* era, Danny King, *umrapaztãootinado*, era o que todos diziam e o que sempre disseram mas, mesmo assim, Danny gostava de ouvir novamente, de saber novamente. Não podia ouvi-lo vezes demais.

Aquela era a memória número um. Danny deixou-se deslizar para ela ali deitado por baixo da árvore mas, em breve, todo o seu corpo se tinha tornado tenso a um ponto que não lhe permitia continuar deitado. Ergueu-se, sacudindo galhos das calças e sentindo-se irritado porque não gostava de recordar coisas. *Andar para trás* era como Danny encarava o assunto e isso era um desperdício de recursos valiosos em qualquer tempo e lugar mas, num sítio onde tentara chegar durante vinte e quatro horas era uma estupidez filha da puta.

Sacudiu o casaco e voltou a vesti-lo antes de voltar a andar em passo acelerado. Desta vez, foi para a direita. A princípio, havia apenas floresta à sua volta mas as árvores começaram a rarear e o desnível sobre os seus pés tornou-se mais íngreme até ter de caminhar com a perna mais acima dobrada, sentindo palpitações dolorosas do joelho até à virilha. E, a seguir, a inclinação da colina foi suspensa como se alguém a tivesse cortado com uma faca e estava no limiar de um abismo com a muralha do castelo alinhada com o limite de um modo que fazia muralha e abismo formarem uma linha vertical erguendo-se para o céu. Danny parou e olhou para o fundo. Lá muito em baixo: árvores, escuridão folhosa salpicada por algumas luzes no interior que deviam ser a cidadezinha onde tinha esperado pelo autocarro.

Halto: Estava no meio de nenhures. Era algo extremo e Danny gostava de extremos. Desviavam-lhe a atenção.

No teu lugar, pedia um depósito antes de pedir às pessoas para fazer escalada.

Inclinou a cabeça para trás. As nuvens tinham tapado as estrelas. A muralha parecia mais alta deste lado do castelo. Curvava-se para dentro e novamente para fora no topo e, a cada metro, havia uma fresta estreita alguma distância acima da cabeça de Danny. Deixou-se ficar parado a estudar uma dessas aberturas — ranhuras horizontais e verticais unindo-se para formar uma cruz — e nas centenas de anos desde que aquelas ranhuras tinham sido esculpidas, a chuva e a neve e o resto deviam ter conseguido alargar esta em particular. Por falar em chuva, um aguaceiro ligeiro começava a cair e, não sendo muito mais do que

uma neblina, o cabelo de Danny fazia uma coisa estranha quando se molhava e não conseguia remediar o estrago sem o seu secador e um determinado tipo de espuma guardados no fundo da *Samsonite* e não queria que Howie presenciasse essa esquisitice capilar. Queria sair da merda da chuva. Por isso, serviu-se de alguns fragmentos da muralha e usou os seus grandes pés e dedos ossudos para se içar até à fresta. Enfiou a cabeça lá dentro para se certificar de que caberia e coube, com um pouco de espaço extra que chegava à justa para os ombros, a parte mais larga do seu corpo, agitando-os e deslizando como se enfiasse uma chave numa fechadura. O resto era fácil. O homem adulto médio precisaria de uma pílula de encolhimento para atravessar aquele buraco mas Danny tinha um tipo peculiar de corpo — era alto mas também maleável, ajustável, era possível enrolá-lo como uma pastilha elástica e voltar a desenrolá-lo. E era isso que agora acontecia: esticava-se a partir de uma amálgama de carne suada sobre um chão húmido de pedra.

Estava numa espécie de cave sem qualquer luz e um cheiro que não lhe agradava: um cheiro de gruta. O tecto baixo embateu-lhe contra a testa um par de vezes e tentou caminhar com os joelhos dobrados mas isso fazia-lhe doer o joelho mau mais do que conseguia suportar. Manteve-se imóvel e endireitou-se lentamente, ouvindo o ruído de pequenas criaturas a fugir e sentindo uma pontada de medo no estômago semelhante ao torcer de um trapo. Foi então que se lembrou: havia uma pequena lanterna no seu porta-chaves, uma recordação dos seus tempos de discoteca — apontá-la para os olhos de alguém permitia ver se tinham metido *ecstasy*, cavalo ou quetamina. Danny ligou-a e apontou o estreito feixe de luz à escuridão: paredes de pedra, pedra escorregadia por baixo dos pés. Movimento junto às paredes. A respiração tornou-se rápida e superficial e tentou acalmá-la. O medo era perigoso. Deixava entrar o *verme*: outra palavra que Danny e os amigos inventaram anos atrás, enquanto fumavam erva ou faziam linhas de coca, tentando perceber o que deviam chamar ao que acontecia às pessoas que perdiam a autoconfiança e se tornavam falsas, ansiosas, esquisitas. Seria *paranóia*? *Auto-estima deplorável*? *Insegurança*? *Pânico*? Palavras como estas eram todas demasiado inertes. Mas o *verme*, a palavra que acabaram por eger, o verme era tridimensional: rastejava para dentro das pessoas e começava a roer até tudo desmoronar, as suas vidas, e acabarem esgotadas ou voltando para casa dos pais ou internadas em Bellevue¹ ou, no caso de uma rapariga que todos conheciam, saltando da Ponte de Manhattan.

¹ Hospital psiquiátrico. (N. do T.)

Mais andar para trás. E não estava a ajudar, estava a piorar as coisas.

Danny tirou o telefone do bolso e abriu-o. Não tinha activado o reencaminhamento internacional de chamadas mas o ecrã iluminou-se com a pesquisa de rede e bastou-lhe ver isso para se acalmar, como se o telefone tivesse poderes — como se fosse um Estabilizador de Campo de Forças que tivesse sobrado de Zeus Terminal. Era verdade, não podia ligar a ninguém naquele momento mas, de um modo geral, estava tão ligado que a sua ligabilidade o fazia aguentar-se durante os períodos de seca no metro ou em alguns edifícios quando não podia contactar ninguém. Tinha 304 contactos online e uma lista de 180 amigos. E fora por isso que alugara um telefone-satélite para aquela viagem — uma chatice para transportar, um pesadelo para a segurança dos aeroportos, mas garantindo não apenas serviço telefónico mas acesso sem fios à internet em qualquer ponto do planeta Terra. Danny precisava daquilo. O seu cérebro recusava-se a ficar trancado dentro da câmara de isolamento da sua cabeça — escorria para fora, transbordava e fluía sobre o mundo até tocar um milhar de pessoas com quem não tinha nada em comum. Se o seu cérebro não pudesse fazer isto, se Danny o mantivesse trancado dentro do crânio, a pressão começava a acumular-se.

Começou novamente a andar, segurando o telefone com uma mão e mantendo a outra no ar para saber quando deveria baixar-se. O sítio parecia uma masmorra, excepto que, de alguma forma, Danny conseguiu recordar que, nos velhos castelos, as masmorras costumavam ficar na torre — talvez tivesse sido isso a coisa quadrada alta que vira da muralha com a luz vermelha no alto: a masmorra. O mais provável seria que aquele sítio tivesse sido um esgoto.

Cá para mim, a mãe terra precisa de elixir bucal.

Mas essa frase não era de Danny, era do Howie. Estava a caminho da memória número dois e mais vale dizer-vos já isso, porque não sei como hei-de conseguir metê-lo e tirá-lo destas memórias de um modo suave para que ninguém perceba os solavancos. Rafe foi o primeiro com a lanterna, depois o Howie. Danny foi o último. Estavam todos bastante animados, Howie porque os primos o tinham escolhido para uma fuga do piquenique, Danny porque não havia emoção maior do que ser cúmplice de Rafe e Rafe — bom, o pormenor mais belo de Rafe era nunca se saber porque fazia qualquer coisa.

Vamos mostrar a gruta ao Howie.

Rafe dissera isto com calma, olhando de lado para Danny através das longas pestanas que tinha. E Danny alinhou, sabendo que haveria mais.

Howie cambaleou no escuro. Tinha um caderno preso debaixo de um cotovelo. Não jogavam Zeus Terminal há mais de um ano. O jogo terminou sem conversa — numa noite de Natal, Danny limitou-se a evitar Howie e juntou-se aos outros primos. Howie tentou aproximar-se algumas vezes e captar a atenção de Danny mas acabou por desistir facilmente.

Danny: Esse caderno está a lixar-te o equilíbrio, Howie.

Howie: Sim, mas preciso dele.

Precisas dele para quê?

Para quando tiver uma ideia.

Rafe voltou-se e apontou a lanterna directamente à cara de Howie que fechou os olhos.

Rafe: Uma ideia? De que estás a falar?

Howie: Para D&D. Eu sou o *dungeon master*.

Rafe afastou a lanterna. Com quem jogas?

Com os meus amigos.

Danny sentiu-se um pouco atordoado ao ouvir aquilo. *Dungeons and Dragons*.² Lembrou-se de Zeus Terminal, sentindo-o dissolver-se neste outro jogo. E, afinal, o jogo não tinha parado. Tinha continuado sem ele.

Rafe: De certeza que tens amigos, Howie?

Não és meu amigo, Rafe? E depois Howie riu-se e riram todos. Era uma piada.

Rafe: Este tipo até tem piada.

O que fez Danny pensar se aquilo seria suficiente — estarem na gruta tapada com tábuas onde ninguém podia ir. Se talvez não fosse necessário acontecer mais nada. Danny desejou isto com muita força.

O traçado da gruta era assim: primeiro, uma grande sala redonda com um pouco de luz exterior, depois uma abertura através da qual tinham de se baixar para passar a outra sala escura e, a seguir, havia um buraco que permitia rastejar até à sala três onde ficava a lagoa. Danny não fazia ideia do que havia mais além.

Calaram-se todos quando viram a lagoa: de um verde cremoso e esbranquiçado, absorvendo o feixe da lanterna de Rafe e reflectindo a luz nas paredes. Devia ter uns dois metros de largo e parecia funda.

Howie: Merda, pessoal. Merda. Abriu o caderno e escreveu qualquer coisa.

Danny: Trouxeste um lápis?

Howie ergueu-o. Era um daqueles pequenos lápis verdes que

² Jogo de *role-playing*. (N. do T.)

distribuíam no *country club* para assinar a conta. Disse: Costumava trazer uma caneta mas estava sempre a rebentar-me nas calças.

Rafe riu-se alto e Howie fez o mesmo mas depois parou, como se não fosse suposto rir-se tanto quanto Rafe.

Danny: O que escreveste?

Howie olhou para ele: Porquê?

Não sei. Curiosidade.

Escrevi *lagoa verde*.

Rafe: Achas que isso é uma ideia?

Ficaram calados. Danny sentiu uma pressão a aumentar na gruta como se alguém lhe tivesse feito uma pergunta e estivesse farto de esperar pela resposta. Rafe. Procurar saber porque o primo mais velho de Danny exercia tanto poder sobre ele é como perguntar porque brilha o sol ou porque cresce a erva. Existem pessoas por aí que conseguem levar outras a fazer coisas, é tudo. Às vezes sem sequer pedir. Às vezes, sem sequer saberem o que querem ver feito.

Danny aproximou-se da margem da lagoa. Howie, disse, há uma coisa brilhante no fundo. Vês?

Howie aproximou-se e olhou. Não.

Ali, no fundo.

Danny agachou-se junto à lagoa e Howie imitou-o, equilibrando-se na ponta dos seus pés grandes.

Danny pousou a mão nas costas do primo. Sentiu a macieza de Howie, como estava quente por baixo da camisa. Talvez nunca antes tivesse tocado no primo ou talvez fosse apenas a percepção nesse momento de que Howie era uma pessoa com cérebro e coração e todas as coisas que Danny também tinha. Howie segurou o caderno junto ao corpo. Danny viu as páginas a tremer e percebeu que o primo tinha medo — Howie sentia o perigo a rodeá-lo. Talvez sempre tivesse sabido. Mas voltou a cara para Danny com uma expressão de confiança total, como se soubesse que Danny o protegeria. Como se se compreendessem mutuamente. Aconteceu mais depressa do que estou a fazer parecer: Howie olhou para Danny e Danny fechou os olhos e empurrou-o para dentro da lagoa. Mas mesmo assim é lento demais: Olhar. Fechar. Empurrar.

Ou apenas *empurrar*.

Ouve o peso de Howie a cair, agitando braços e pernas, mas sem qualquer som que Danny conseguisse recordar, nem mesmo o ruído de algo a cair na água. Howie deve ter gritado mas Danny não ouviu um grito, apenas o som produzido por si e por Rafe afastando-se dali e correndo como loucos, a lanterna de Rafe sondando as paredes, saindo

da gruta para um sopro de vento quente, pelas duas grandes colinas abaixo e de volta ao piquenique (onde ninguém dera pela sua ausência), Danny sentindo aquele elo unindo-o a Rafe, um elo brilhante que os mantinha unidos. Não disseram uma palavra sobre o que tinham feito até algumas horas depois, quando o piquenique começava a esmorecer.

Danny: Merda. Onde é que ele se meteu?

Rafe: Pode estar mesmo aqui por baixo de nós.

Danny olhou para a erva. Por baixo de nós como?

Rafe sorria. Quero dizer que não sabemos para que lado foi.

Quando todos se começaram a dispersar, procurando Howie, alguma coisa tinha rastejado para dentro do cérebro de Danny e mastigava um padrão semelhante àqueles túneis, todos os caminhos possíveis através dos quais Howie podia ter-se embrenhado mais na gruta por baixo das colinas. Não havia grande preocupação. Howie tinha-se afastado demais, era o que todos pareciam pensar — era gordo, era esquisito, não havia laço de sangue e ninguém culpava Danny por nada. Mas a sua tia May parecia mais assustada do que qualquer outro adulto que Danny tivesse alguma vez visto, com uma mão na garganta como se soubesse que tinha perdido o seu rapaz, o seu único filho, e ver o ponto a que as coisas tinham chegado fez Danny sentir-se ainda mais petrificado para dizer o que sabia ter de dizer — *Enganámo-lo, o Rafe e eu; deixámo-lo na gruta* — porque esse punhado de palavras mudaria tudo: todos saberiam o que tinha feito e o Rafe saberia que ele tinha contado e, para além desse ponto, a mente de Danny apagou-se. Então esperou mais um segundo antes de abrir a boca e depois outro e mais outro e mais outro, e cada segundo que esperava parecia cravar algo nele mais profundamente. A seguir ficou escuro. O seu pai pôs uma mão na cabeça de Danny (*umrapaztãotinado*) e disse, Há muita gente à procura, filho. Tens jogo amanhã.

Na viagem de regresso no carro, Danny não conseguia aquecer. Tapou-se com cobertores velhos e manteve o cão no colo mas os dentes batiam-lhe com tanta força que a irmã se queixou do barulho e a sua mãe disse, “Deves estar a chocar alguma, querido. Preparo-te um banho quente quando chegarmos a casa.”

Danny voltou à gruta sozinho por algumas vezes depois disso. Subia as colinas sozinho até à entrada tapada com tábuas e, misturada com os sons da erva seca ouvia a voz do primo subindo das profundezas: *não e por favor e socorro*. E Danny pensava: Pronto, agora — *agora!* e sentia-se agitar perante a ideia de finalmente dizer as palavras que

tinha guardado dentro de si durante todo aquele tempo: *o Howie está na gruta; deixámo-lo na gruta, o Rafe e eu*, e imaginar isto fazia-o sentir um alívio tão intenso que quase se sentia prestes a desmaiar, sentindo ao mesmo tempo um alvoroço em redor como se a terra e o céu trocassem de lugar e um tipo diferente de vida se abrisse, leve e claro, um futuro que não percebera ter perdido até àquele momento.

Mas era tarde. Muito, muito tarde para tudo isto. Encontraram o Howie na gruta três dias depois, semiconsciente. Todas as noites, Danny esperava ouvir o pai bater-lhe à porta do quarto com rispidez e ensaiava as suas desculpas — *Foi o Rafe e Eu sou só um miúdo* — até se fundirem numa só — *Foi o Rafe eu sou só um miúdo foioRafeusousóummiúdo* — ouvia esta fusão mesmo quando fazia os trabalhos de casa ou via televisão ou se sentava na retrete, *foioRafeusousóummiúdo*, até parecer que tudo na vida de Danny era o testemunho de que precisava para provar que continuava a ser ele mesmo, ainda Danny King tal e qual como antes: *Vêem, marquei um golo! Vêem, estou a divertir-me com os meus amigos!* Mas não estava lá a cem por cento, estava também a observar, esperando que todos se mostrassem convencidos. E era o que acontecia.

Depois de meses e meses deste fingimento, Danny voltou a acreditar novamente. Todas as coisas normais que lhe aconteceram desde a gruta formaram uma crosta sobre esse dia, e a crosta tornou-se cada vez mais espessa até esquecer o que havia por baixo.

E quando Howie ficou melhor, quando pôde finalmente voltar a ficar sozinho no quarto sem a mãe, quando pôde voltar a dormir com as luzes apagadas, estava diferente. Depois do *incidente traumático* a sua doçura tinha desaparecido, meteu-se na droga, acabou por comprar uma pistola, tentou roubar um supermercado e mandaram-no para o reformatório.

Quando o Rafe morreu três anos mais tarde (matando no Michigan duas raparigas da turma na sua carrinha), os piqueniques da família acabaram. E quando recomeçaram, Danny já não ia para casa.

Essa era a memória número dois.

Voltando a Danny, caminhando com os braços no ar e o telefone ligado pela cave ou masmorra ou o que quer que fosse num castelo que pertencia a Howie. Tinha percorrido um longo caminho para encontrar ali o seu primo e os motivos eram práticos: ganhar dinheiro, sair de Nova Iorque. Mas também estava curioso. Porque, ao longo dos anos, as notícias sobre Howie não paravam de chegar até ele através desse sistema de comunicação de alta velocidade a que chamam família:

1. Investidor na bolsa
2. Chicago
3. Fortuna absurda
4. Casamento, filhos
5. Reforma aos trinta e quatro

E, de cada vez, que essas partículas de notícias chegavam até Danny, pensava *Vêem, ele está bem. Está ótimo. Está mais que ótimo!* e sentia um surto de alívio e depois outro surto que o fazia sentar-se onde quer que estivesse e ficar a olhar para o vazio. Porque não aconteceu algo que devia ter acontecido a Danny. Ou talvez tivessem acontecido as coisas erradas ou talvez tivessem acontecido demasiadas pequenas coisas em vez de uma coisa grande ou talvez não tivessem acontecido pequenas coisas suficientes para juntas formarem uma grande coisa.

Resumindo: Danny não sabia porque tinha feito a viagem até ao castelo de Howie. E porque me inscrevi eu num curso de escrita? Pensei que fosse para me afastar de Davis, o meu colega de cela, mas começo a pensar que houve outra razão para além dessa.

Tu? Mas quem és tu? Deve ser o que alguém está a dizer neste preciso momento. Bom, eu sou o tipo que fala. Há sempre alguém que fala só que, muitas vezes, vocês não sabem quem é ou quais são os seus motivos. A minha professora, Holly, ensinou-me isso.

Comecei o curso com má disposição. Para a segunda aula, escrevi uma história sobre um tipo que fode a professora de escrita num armário de vassouras até que a porta se abre de repente e as vassouras e esfregonas e baldes caem ao chão e ficam os dois com os rabos a brilhar sob a luz quando são apanhados. Pôs muita gente a rir enquanto a lia mas, quando parei, a sala ficou silenciosa.

Muito bem, diz a Holly. Comentários?

Ninguém tem um comentário.

Vá lá, pessoal. A nossa função é ajudar o Ray a fazer o melhor trabalho possível. Algo me diz que talvez não seja isto.

Mais silêncio. Finalmente acabo por dizer: Era só uma piada.

Ninguém se está a rir, diz ela.

Mas estava, digo eu. Riram-se.

É isso que és, Ray? Uma piada?

Penso: *Que caralho?* Ela olha para mim mas eu não consigo forçar-me a retribuir o olhar.

Diz: Aposto que há gente por aí que me diria Sim, o Ray é uma piada. Que me diria que és um traste. Tenho razão?

Agora há murmúrios: *Au e Merda e Então e agora, Ray?* e sei que esperam que fique passado e sei que é suposto ficar passado e *estou* passado, mas não é tudo. Há mais alguma coisa.

Ali está a porta, diz-me ela, e aponta. Porque não te vais embora?

Não me mexo. Posso sair pela porta mas, assim, teria de ficar no corredor à espera.

Então e aquele portão? Agora aponta para fora da janela. O portão está iluminado à noite: com arame farpado emaranhado no topo, a torre com um atirador lá em cima. Ou as portas das vossas celas? pergunta. Ou as portas dos blocos? As portas dos chuveiros? Ou as portas da cantina, ou as portas da entrada das visitas? Quantas vezes é que os senhores tocam na maçaneta de uma porta? É isso que estou a perguntar.

Mal vi Holly soube que nunca tinha dado aulas numa prisão. Não era pela aparência — não era uma miúda e via-se que não tinha tido uma vida fácil. Mas as pessoas que ensinam nas prisões têm uma carapaça dura à volta que faltava em Holly. Consigo ouvir como está nervosa, como se tivesse planeado todas as palavras daquele discurso sobre as portas. Mas o que é estúpido é que tem razão. Da última vez que saí, deixei-me ficar de pé frente às portas, esperando que as abrissem. Uma pessoa esquece-se de como é fazer isso sozinho.

Diz, O meu trabalho é mostrar-te uma porta que podes abrir. E bate com os dedos no cimo da cabeça. Abre-se para onde queiras ir, diz. É por isso que aqui estou e, se isso não te interessa, então poupa-nos a todos porque só temos fundos para dez alunos e só nos encontramos uma vez por semana e não vou perder tempo com a merda dos conflitos de autoridade.

Vem até à minha mesa e olha para baixo. Volto a olhar para cima. Quero dizer, Já ouvi muitos discursos de motivação mas esse é uma pérola. Uma porta nas nossas cabeças, *não me lixes*. Mas enquanto ela falava senti algo a estalar no peito.

Podes esperar lá fora, diz. Só faltam mais dez minutos.

Acho que fico.

Olhamos um para o outro. Muito bem, diz ela.

...

Então, quando Danny encontrou finalmente uma luz na cave daquele castelo e percebeu que era uma porta com luz a entrar pelas frinchas, quando o seu coração deu um salto e se aproximou, dando-

-lhe um empurrão e vendo que abriu imediatamente para o fundo de uma escadaria com a luz acesa, sei o que deve ter sentido. Não por eu ser Danny ou por ele ser eu ou qualquer merda desse tipo — isto são só coisas que um tipo me contou. Sei porque, depois de Holly falar na porta nas nossas cabeças, aconteceu-me alguma coisa. A porta não era real, não havia mesmo uma porta, era apenas *linguagem figurativa*. Ou seja, era uma palavra. Um som. *Porta*. Mas eu abri-a e saí.